

ESTILO E EFICÁCIA NA COMUNICAÇÃO

VÍTOR MANUEL FIGUEIREDO (*)
ISALINDA MARIA DIAS (*)
MARIA DE LOURDES MATA (*)

O objectivo geral deste estudo foi analisar o estilo e eficácia da comunicação entre crianças, de meios socio-económicos contrastados, que frequentam a pré-primária, ao codificarem verbalmente estímulos ambíguos e abstractos, e verificar se existem diferenças relativamente à variável sexo.

I. INTRODUÇÃO

Numa tentativa de investigação das diferenças de discurso consoante a classe social, vários autores focalizaram a sua atenção para o determinismo social como factor preponderante quer para a existência de diferenças no desenvolvimento e competên-

cia linguística, quer para a existência de diferentes estilos de comunicação.

Neste, os autores estudam a capacidade de jacentes duas grandes linhas de força: uma associada à perspectiva da deficiência de discurso da classe baixa, outra que nega que esta diferença de discurso seja uma deficiência, considerando cada estilo igualmente rico e eficaz, desde que inserido no seu contexto natural.

Para o nosso estudo partimos fundamentalmente do trabalho de Johnston e Singleton (1977) que, por sua vez é uma tentativa de verificação do trabalho de Heider (1971). Neste, os autores estudam a capacidade de comunicação e informação transmitida pela linguagem, com crianças inglesas de 5 anos de idade pertencentes a meios sociais contrastados, através da descrição de figuras

(*) Estudantes no ISPA.

ambíguas e abstractas. As dimensões que utilizaram para a classificação dos enunciados foram as descritas por Heider: GLOBAL — quando referiam a totalidade da figura; PARTE — quando referiam parte da figura; INFERENTE — quando a figura era descrita em termos metafóricos do objecto; DESCRITIVO — quando eram descritas as propriedades físicas da figura, combinando-se estas em quatro categorias diferentes (Global/Inferente, Global/Descritivo, Parte/Inferente e Parte/Descritivo).

Os resultados obtidos levaram os autores a concluir que as crianças da classe trabalhadora usavam mais frequentemente um estilo Global/Inferente e as crianças da classe média um estilo Parte/Descritivo. Quanto à eficácia dos estilos os dados não permitiram concluir que um fosse mais eficaz que o outro.

II. RÉPLICA AO ESTUDO DE JOHNSTON E SINGLETON PARA UMA AMOSTRA DE CRIANÇAS PORTUGUESAS

Com o fim de cumprir os objectivos a que nos propusemos tentámos verificar se havia diferença: 1 — nos estilos preferencialmente utilizados consoante a classe social; 2 — entre a eficácia funcional destes; 3 — entre a eficácia dos estilos utilizados tendo em conta a variável sexo.

A nossa amostra foi constituída por 72 crianças oriundas de duas instituições de ensino diferentes, sendo 36 de um colégio particular (classe favorecida) com uma média de idades de 5 A. e 9 M. e 36 de uma instituição de Apoio Social (classe desfavorecida) com média de idades de 5 A. e 8 M.

O material utilizado foi idêntico ao de Johnston e Singleton, o qual consistia em 10 estímulos ambíguos e abstractos diferentes agrupados em cartões 6 a 6. Cada cartão tinha um duplicado onde um dos estímulos estava assinalado por uma esquadria a vermelho (Fig. 1).

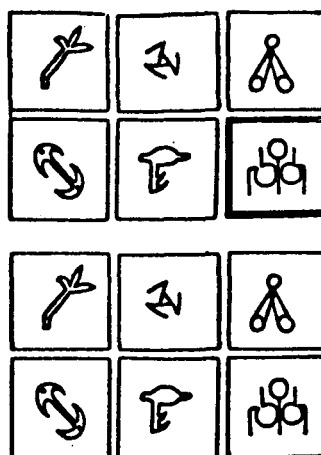


Fig. 1 — Exemplar de um dos cartões utilizados

Para a aplicação da prova emparelhámos as crianças de cada instituição, controlando a variável sexo, por sua vez as crianças de cada par foram sentadas frente a frente separadas por um *écran*, a uma das crianças era atribuído o papel de codificador e à outra o de descodificador. O primeiro tinha por tarefa descrever a figura pela esquadria a vermelho e o segundo a de a identificar no seu cartão.

Face aos enunciados obtidos efectuámos duas análises das codificações, tendo a primeira (C_1) sido inspirada nas categorias de Heider e a segunda (C_2), por nós proposta, em virtude de não considerarmos a primeira suficientemente discriminatória por abranger dentro de uma mesma categorias discursos que podem ter subjacentes estratégias cognitivas distintas. Na segunda análise das codificações utilizámos sete categorias, das quais quatro foram as propostas por Heider (e utilizadas por Johnston e Singleton) e três por nós criadas: Global (parte por parte)/Inferente — as codificações que referem parte por parte a globalidade da figura fazendo inferências; Global (parte por parte)/Descritivo — as que referem parte por parte a globalidade da figura não fazendo inferências; Global (parte por parte)/Misto — as que referem parte por parte

a globalidade da figura utilizando descrições e inferências.

Resultados e conclusões

Da análise dos resultados obtidos e do tratamento estatístico efectuado (método

da significância das diferenças entre médias para amostras pequenas e independentes), de um modo geral, podemos concluir que:

— Comparação entre classes sociais — os dois grupos (favorecido e desfavorecido) têm tendência a utilizar o mesmo estilo de codificação — ESTILO GLOBAL/INFERENTE (Fig. 2).

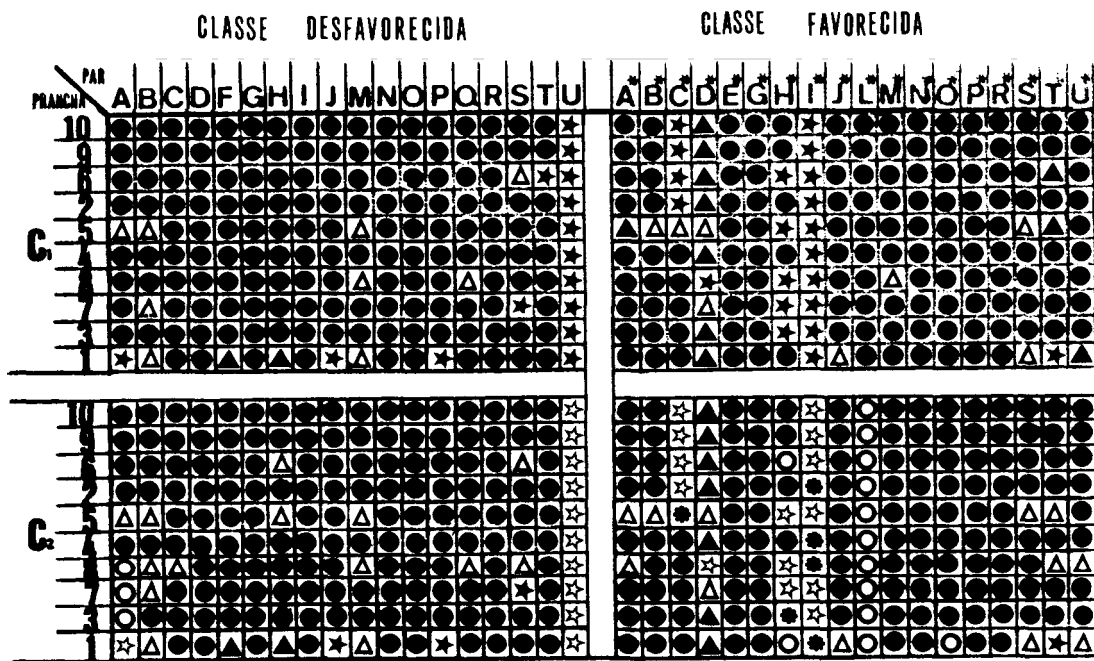


Fig. 2

Quanto à descodificação verificámos uma tendência para um maior número de sucessos nas crianças da classe desfavorecida, contudo não confirmada estatisticamente para o nível de significância escolhido (0,01).

Da observação do quadro (Fig. 2) podemos ver que pela classificação por nós proposta (C₂) existe uma maior discriminação das codificações e assim codificações que estavam incluídas nas categorias GI ou GD passam, algumas, a estarem incluídas nas categorias GppI ou GppD. Assim procurámos evidenciar possíveis mecanismos, diferentes, de apreensão do estímulo, ainda não

completamente identificados e isolados por nós, podendo tratar-se de uma pista para futura análise.

— Comparação entre sexos — não se verificaram diferenças na eficácia funcional dos estilos.

Pensamos que há muitas pistas de continuação deste trabalho, para além da já enunciada, nomeadamente com amostras de crianças de outros meios ou de meios sociais mais contrastados e de outros níveis etários. Esta última preocupação levou-nos já a realizar um pequeno estudo exploratório com 43 crianças cuja média de idade

era 7 A. e 4 M., pertencentes à classe desfavorecida, utilizando o mesmo material e situação. Comparando com as crianças do mesmo nível socio-económico mas com idade diferente (5 A. e 8 M.), encontrámos a mesma predominância no estilo utilizado — Global/Inerente — mas verificámos uma diferença significativa na eficácia de descodificação dos enunciados, apresentando as crianças mais velhas um maior número de sucessos.

REFERÊNCIAS

- EDWARDS, J. (1979) — «Language and disadvantage», Edward Arnold, London.
- ESPÉRET, E. (1979) — «Language et origine social des élèves», Peter Lang Berne, Frankfurt.
- JOHNSTON, R. P.; SINGLETON, C. H. (1977) — «Social class and communication style: The ability of middle and working class five years old to encode and decode abstract stimuli», in *Br. J. Psychol.*
- LUBLISNKAIA, A. A. (1979) — «Desenvolvimento psíquico da criança», Ed. Notícias.
- PEREIRA, F.; MARTINS, M. (1978) — «O insucesso escolar e as suas explicações. Crítica de algumas teorias», in *Análise Psicológica*, N.º 1, Vol. II, 33-57.
- ROBINSON, W. P. (1980) — «Estatuto socio-económico, uso da linguagem e progresso na educação», in *Análise Psicológica*, Vol. II, Série 1, 217-234.